

## Economia

## CHURRASCO NO CARNAVAL

Preço da carne cai, mas o da cerveja...

Picanha teve queda de 10,8% em relação a fevereiro de 2023, mas bebida subiu 4,01%

# EXIGÊNCIAS DA UE

## Café é o produto mais em conformidade com novas normas; carne está na lanterna

RAFAEL GARCIA  
rangel.garcia@oglobo.com.br  
SÃO PAULO

Um estudo que mapeou áreas de produção de seis commodities agropecuárias do Brasil avaliou quais delas estão em melhores condições de entrar em conformidade com a nova legislação da União Europeia (UE) que proíbe a importação de bens oriundos de áreas desmatadas. O café se destacou como o produto mais propenso a atender às exigências, enquanto a carne bovina ficou na pior posição.

O trabalho, realizado pelo Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS), no Rio de Janeiro, foi publicado nesta semana no periódico acadêmico Ecological Economics. A pesquisa avaliou ainda soja, dendê, madeira e cacau.

A participação do café na pauta de exportações brasileira, no entanto, é relativamente pequena: 2,15%, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), referentes a 2023. Ficou pouco abaixo da carne, com 2,795%. A principal commodity exportada pelo país é a soja, com uma fatia de 15,674%.

## PULVERIZAÇÃO

Por meio da aplicação de um "índice de probabilidade de conformidade", estudo conclui que "o setor cafeeiro do Brasil pode atualmente ter o



Trabalhador segura bagas. O feto de boa parte das lavouras está em áreas de desmatamento muito antigo e o principal fator para a adequação do café às regras da UE.

maior potencial para pronta conformidade com os requisitos de livre desmatamento da UE e do Reino Unido." Mas ressalta que o gado pode enfrentar os maiores desafios regulatórios, "enquanto um período de transição e investimento potencialmente mais longos, ou — no pior dos casos — sendo desviado para mercados alternativos".

A nova legislação europeia exige que os exportadores se adaptem, até o fim deste ano, às regras para reportar a cadeia produtiva completa de todo seu volume comercializado e comprovar que os es-

toques não saíram de áreas desmatadas depois de 2020. A pesquisa do IIS também considerou regras de legislação semelhante do Reino Unido, que veda a importação de produtos associados a desmatamento ilegal.

O índice de probabilidade de conformidade atingiu 89% para o café. A soja ficou em 64%, a madeira em 46%, o dendê em 44%, o cacau em 33% e a carne bovina em 30%.

Na elaboração do índice, um dos fatores considerados foi o das taxas de desmatamento nas áreas onde essas commodities estão sendo pro-

duzidas. A expansão da fronteira agrícola nas áreas de Amazônia e Cerrado, por exemplo, possui muitas pastagens novas, o que prejudica a avaliação da pecuária.

No entanto, também foram levados em consideração a capacidade técnica e o interesse dos produtores em providenciar certificações para seus produtos, a fim de comprovar o grau de sustentabilidade das lavouras. Esse quesito prejudicou a posição do cacau e do dendê, cujas produções escassam a partir de uma miríade de pequenos produtores. Essa fragmentação, dizem os pes-

quisadores, dificulta a criação de um sistema de rastreamento confiável para atender às normas da UE.

A adequação do café às novas regras ocorreu quase que naturalmente. Boa parte da produção da commodity está em áreas de desmatamento antigo, de Mata Atlântica, e o elevado volume de exportação para a UE (49% têm o bloco por destino) torna essa adaptação crucial.

Um resultado contraintuitivo sobre a propensão dos produtores a se adaptarem é apontado pelos cientistas com relação à soja. Co-

mo o mercado brasileiro está ancorado em grandes traders, como Bunge e Cargill, a cadeia produtiva está numa posição mais favorável para criar um sistema mais robusto de rastreamento.

Mas a soja está hoje em uma área mais sensível, com lavouras ocupando áreas de desmatamento recente, sobretudo no Cerrado. Como 68% da produção nacional são exportadas — e 15% têm como destino a UE —, há um grande incentivo econômico para investir em rastreamento e certificação.

## NECESSIDADE DE AJUSTES

Susan de Oliveira, especialista em comércio internacional e principal autora do estudo, afirma que, apesar de as novas exigências europeias tornarem evidentes o baixo padrão de sustentabilidade da carne brasileira, elas podem precisar de ajustes para não punir outros setores por tabela.

— As commodities que têm uma participação maior de agricultores familiares podem ter mais dificuldade para comprovar a cadeia livre de desmatamento, também porque esses pequenos produtores muitas vezes têm dificuldade de comprovação de posse legal da terra, e a legislação da União Europeia e do Reino Unido não olha somente a questão de desmatamento zero, mas também se a produção é feita de acordo com a legislação dos países produtores — explica a pesquisadora.

Por conta de algumas exigências difíceis de serem cumpridas, é possível que a UE se veja obrigada a fazer ajustes nas regras, a fim de evitar que o espírito da nova legislação seja desvirtuado.

— Existe um questionamento sobre em que medida essa legislação vai ser eficiente em atingir os objetivos de criar uma produção efetivamente livre de desmatamento — avalia a pesquisadora.

## Safrá menor este ano vai reduzir impulso à economia

Ainda assim, será a 2ª maior já registrada, de cerca de 300 milhões de toneladas

VINICIUS NEDEER  
vinicius.nedeer@oglobo.com.br

Um dos motores da economia em 2023, a agropecuária não conseguirá repetir o desempenho deste ano. Problemas climáticos a partir do segundo semestre do ano passado e cotizações internacionais com tendência de queda devem puxar a produção de grãos para baixo.

Na última quinta-feira, tanto a Conab quanto o IBGE pioraram suas estimativas para a safra 2023/24, que deverá ficar em torno de 300 milhões de toneladas.

Ainda assim, será a segunda maior já registrada.

Ano passado, o Brasil colheu mais uma safra. A produção recede — 319,9 milhões de toneladas, segundo a Co-

mod — ajudou a controlar a inflação de alimentos e foi uma das responsáveis pela surpresa positiva com o crescimento econômico. As projeções para o PIB de 2023 passaram de menos de 1%, no início do ano, para em torno de 3% (o dado será divulgado em março).

## PRELIMINAR

Segundo José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho, pesquisador do Ipea especializado em economia agrícola, apesar das perspectivas de queda na produção deste ano, o quadro poderá não ser tão ruim assim.

— Esses movimentos conjunturais de um ano para outro são naturais — diz Vieira Filho. — A perspectiva internacional é de demanda elevada. No caso do milho, temos o aumento da produção de bio-

diesel e etanol a partir dele. Segundo o IBGE, a produção deste ano tem sido atida pelo El Niño, fenômeno climático causado pelo aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que leva chuva em excesso para o Centro-Sul e seca e calor para o Centro-Norte.

As chuvas e o calor limitaram o potencial da lavoura de soja em boa parte dos estados produtores, destacou o IBGE. Ainda assim, o instituto prevê queda de apenas 1% na produção da principal cultura da agricultura nacional. Tanto o IBGE quanto a Conab estimam uma produção total em torno de 150 milhões de toneladas, o que mantém o Brasil como o maior produtor global.

As exportações de soja se mantiveram fortes em janei-

## A PRODUÇÃO DE GRÃOS NO BRASIL

SAFRA	(EM MILHARES DE TONELADAS)	VAR. ANUAL*
2018/19	246.834	+ 6,6%
2019/20	257.027	+ 4,1%
2020/21	256.739	- 0,1%
2021/22	272.641	+ 6,2%
2022/23	319.864	+ 17,3%
2023/24 (previsto)	299.751	- 6,3%

Fonte: Conab, Cepea da Unesp/USP, Secex do Mdic. \*Variação anual anterior

CONTINUA NA PÁG. 14

no. Em quantidade, saltaram 240%, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

Já a produção de milho deve sofrer mais. Uma das vantagens competitivas da agropecuária do Brasil é que o clima, sem um inverno rigoroso, permite obter duas ou até três safras, conforme o ciclo de produção de cada cultura.

Um dos modelos mais usados no país é plantar uma safra de milho logo após a colheita da soja. Mas, quando o clima não permite o plantio da soja

na época ideal — em torno de outubro —, os produtores acabam plantando menos milho. Segundo o IBGE, o "atraso no desenvolvimento" da soja já causou um "encurtamento da janela de plantio" do milho.

A Conab projeta tombo de 13,8% na produção. Nos cálculos do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), com a superafra do PIB do ano de 2023, levando a economia a crescer 2,9%. Para este ano, porém, o FGV Ibre projeta queda de 3,4% na agropecuária, com

expansão de 1,4% do PIB.

Mais otimista, a equipe de economistas da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) projeta retração de 0,8% no PIB da agropecuária em 2024, diante de um crescimento econômico de 1,6%.

## COTAÇÕES EM QUEDA

Além do clima, a tendência de queda nas cotações da soja e do milho também não ajuda. Na última terça-feira, a saca de 60 quilos de soja no Brasil estava em R\$ 118,82, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepes) da Esalq, a escola de agricultura da USP. É 32% a menos que um ano atrás. No caso do milho, a queda é de 26%, para R\$ 62,82.

A tendência de queda dos preços se deve à incerteza sobre a economia da China, maior comprador global de grãos, e à retomada da produção na Argentina, após a devastação causada pela seca. Quando o preço cai, mesmo que a produção seja boa, a rentabilidade é menor; o produtor investe menos e pode ter dificuldades financeiras.



Conheça #UMSÓPLANETA — o maior movimento ambiental brasileiro para promover práticas sustentáveis e enfrentar a mudança climática. Acesse [umsoplaneta.org.br](https://umsoplaneta.org.br)

